



O horizonte histórico da Ciência da Informação no Brasil e o testemunho de Lygia de Queiroz Sambaquy

Duas séries de fatores contribuíram para propiciar a emergência da Ciência da Informação entre as décadas de 1960 e 1970: por um lado, a progressiva conscientização por parte dos bibliotecários em relação à limitação das tradicionais técnicas biblioteconômicas face às novas modalidades de produção e reprodução do conhecimento científico; por outro, a repercussão alcançada por grupos de pesquisadores que, desde a Segunda Grande Guerra – e mesmo no período que a antecedeu – na Europa e nos Estados Unidos, deram início a movimentos de renovação que se caracterizaram pela observação crítica da prática científica moderna.

[...] De arma ideológica na luta anti-religiosa [...], a ciência passou a inspiradora das ideologias do progresso, recebendo apoios proporcionais à confiança que indivíduos e classes punham nesse progresso. [...] As dissertações eternas sobre método e epistemologia [...] do começo deste século vêm cedendo lugar ao estudo local, minucioso e quantitativo da vida quotidiana, banal, da instituição científica, com seus profissionais, suas hierarquias, seus conflitos e suas rivalidades. Esse trabalho de fundamentar uma Sociologia da Ciência tem sido um trabalho de [...] concentrar a atenção no modo de produção da ciência. A questão começa por ser não tanto *o que ela é*, mas *como é que ela é* materialmente produzida. A mudança na questão arrasta toda uma mudança de perspectiva e faz baixar a ciência da torre dos gênios para a terra dos homens. [...] (DEUS, 1979. p. 16-7, grifos do original).

Iniciado na Inglaterra no final da década de trinta e liderado por nomes como John Bernal e Derek de Solla Price, entre outros, o movimento que propunha a criação de uma “ciência da ciência” (BRAGA, 1974; REIS, 1984), reunindo reflexões dispersas e independentes de filósofos, sociólogos e historiadores da ciência, tentava estabelecer as bases de uma *metadisciplina* que aplicasse à atividade científica seus próprios métodos de rigor e objetividade, transformando a ciência em objeto de estudo privilegiado. Nesse mesmo período, nos Estados Unidos, uma embrionária Sociologia da Ciência começava a publicar o resultado de pesquisas cujo principal objetivo era investigar as relações da ciência com os demais segmentos da sociedade. O sociólogo Robert Merton foi pioneiro nesses estudos ao defender em 1933 a tese *Science, Technology and Society in Seventh-Century in England* (LIMA, 1994).

[...] O objetivo histórico da Sociologia da Ciência era identificar as condições sociais, políticas e culturais dentro das quais os objetivos da ciência [...] tornavam-se valiosos por direito próprio, capazes de sustentar o crescimento cumulativo do conhecimento independentemente de suas conexões com outras instituições [...]. Dois conceitos cruciais para os modelos desenvolvidos por Merton [...] eram o realismo [...] e a objetividade [...]. Nos termos desses conceitos, a ciência era caracterizada como uma caminhada progressiva e cumulativa em direção à verdade. [...]. Os contextos social, ideológico ou econômico [...] desempenhavam papel relevante apenas quando, negando-se a dar suporte ou interferindo na operacionalidade das normas da ciência, perturbavam sua ação de produzir a verdade. [...]” (LENOIR, 1997, p. 4-5).



Na primeira metade do século XX, envolvidos na corrida para produzir conhecimento e pressionados pelo volume de documentos científicos publicados – principalmente sob a forma de artigos de periódicos e comunicações em eventos – cientistas, técnicos, bibliotecários e especialistas de vários setores iniciaram esforços para desenvolver estudos e ferramentas que auxiliassem no controle dos fluxos da informação científica, contribuindo para superar as dificuldades de acesso ao conhecimento produzido no âmbito das diferentes disciplinas.

Entre os eventos que concorreram para a renovação de tendências na Biblioteconomia a partir das décadas de 1930 e 1940, para além da gradual incorporação das práticas introduzidas pela Documentação de influência europeia (BRADFORD, 1948; SHERA, EGAN, 1961; LASSO DE LA VEGA, 1969; ODDONE, 2006; SILVA, RODRIGUES, 2016), destacam-se a publicação do artigo *As we may think*, de Vannevar Bush (1945); a repercussão da Conferência sobre Informação Científica preparada pela Royal Society de Londres em 1948 – na qual John Bernal apresentou proposta, combatida com veemência, de reduzir o número de periódicos científicos que vinha sendo publicado (FOSKETT, 1973); a criação do Institute for Information Scientists, em 1958, na Inglaterra (MEADOWS, 2008); o prestígio da Conferência Internacional sobre Informação Científica organizada pela National Academy of Science, nos Estados Unidos, também em 1958 (INTERNATIONAL, 1959), e, neste mesmo país, o impacto alcançado pela Conferência do Georgia Institute of Technology, em abril de 1962, onde a oportunidade de criar uma “information science” foi debatida (SHERA, 1980; GARCIA, 2002). A sucessão desses e de outros importantes eventos durante aquele período redundou numa significativa mudança: o American Documentation Institute, criado em 1937, alterou seu nome e, a partir de 1968, passou a se identificar como American Society for Information Science, institucionalizando a nova expressão (LE COADIC, 1996).

Foi esse o pano de fundo que serviu de horizonte às transformações por que passaram a tradicional Biblioteconomia e a inovadora Documentação entre as décadas de 1940 e 1960 e que, reunindo interesses e preocupações tão díspares e fragmentários quanto as circunstâncias que os fizeram emergir (ZAHER, 1974; SHERA, 1980), culminaram na gênese da Ciência da Informação e em sua paulatina expansão no cenário científico. A convergência de interesses e preocupações que se observa nesse conjunto de movimentos acadêmicos e políticos, embora revele um esforço para enfrentar as crescentes dificuldades de controle e acesso às publicações científicas, não garantiu, porém, uma unidade de pensamento. Não havia consenso nem a respeito do que significava o conceito *ciência da informação* nem sobre qual seu alcance em termos científicos. Em 1971 Célia Zaher assim ponderava sobre a questão:

[...] deve-se analisar as diversas correntes e tentar impedir a fragmentação e a distorção [...] de um novo campo que se abre à nossa especialização e aperfeiçoamento em termos de pesquisa [...]. A nossa posição não é de perplexidade ou dúvida diante da variedade de correntes e sim de necessidade de conceituação precisa. Pode-se considerar essa disciplina como *ciência*? [...]” (ZAHER, 1974, p. 62, grifo do original).

A autonomia da noção de *informação*, enquanto conceito e ideologia, cresceu a partir da segunda metade da década de 1940 e teve como fundamento tanto as inovações científicas e tecnológicas surgidas desde o final do século XIX, como arrojadas propostas teóricas e filosóficas apresentadas por cientistas e pesquisadores de diferentes filiações após a Segunda Guerra (SEGAL, 2003). Naquele período, o arcabouço do saber humano conhecido começava a ser questionado e revisto. Surgem a teoria geral dos sistemas, de Ludwig von

Bertalanffy (1977); a cibernética, de Norbert Wiener (1984); e a teoria matemática da comunicação, de Claude Shannon e Warren Weaver (1975). Em paralelo, resultando dos esforços de guerra, a informática ampliava e consolidava seu espaço de atuação e influência, ensejando uma 'revolução' que mais tarde veio a ser chamada de *informacional* (LOJKINE, 1995) e que operou uma completa transfiguração no panorama sociocultural e econômico mundial.

[...] a transferência para as 'máquinas' de um novo tipo de funções cerebrais abstratas [...] tem como consequência fundamental deslocar o trabalho humano da manipulação para o tratamento de símbolos abstratos – e, pois, deslocá-lo para o 'tratamento' da *informação*. [...] (LOJKINE, 1995, p. 14, grifos do original).

Num artigo que discute a ausência de acordo sobre o que, precisamente, constituem *informação* e *ciência da informação*, W. Boyd Rayward, refletindo sobre a história e a historiografia da disciplina, afirma que, se se admite que todas as sociedades, como condição de sua organização, reprodução e controle, desenvolveram modos distintivos próprios de gerir a informação, então deve-se admitir também que a história da Ciência da Informação deveria se estender para muito além do século passado (RAYWARD, 1996). A discussão de Rayward é pertinente e oportuna – ele exorta os pesquisadores da disciplina a se aproximarem de estudos históricos a ela amplamente relacionados, como a história da ciência e da tecnologia, a história da imprensa e da atividade editorial e a história de instituições de informação tais como bibliotecas, arquivos e museus. Valiosa, a lógica da história é crucial para elucidar as persistentes questões que retardam a consolidação do campo informacional (FREITAS, 2003). Como observa Feather,

[...] Todos os vários sistemas para representar a informação, sejam linguísticos, numéricos, visuais ou auditivos, dependem da existência não apenas de um modo de representação – um sistema de registro – mas também de um modo de preservar a representação, ou seja, um tipo de mídia de registro. [...] A rocha da caverna não havia sido modificada em sua forma natural até que sua superfície foi lavada ou preparada de alguma outra maneira para que o pintor começasse seu trabalho. [...] Os ossos, por exemplo, [...] tinham que ser limpos e provavelmente polidos ou aplainados antes que pudessem ser usados. De modo similar, a madeira tinha que ser cortada, aparada e talvez tratada com cola. Mesmo a mídia 'natural', portanto, era de fato produto do talento e da habilidade humanas, tal como o sistema de registro que ela era incumbida de transportar. [...] (FEATHER, 1994. p. 16).

Locus privilegiado para observar as marcas produzidas pelos sistemas de representação e registro do conhecimento, o documento, quando submetido a exercícios de leitura e exegese, permite perceber os diferentes sentidos que lhe foram atribuídos por seu autor, assim como os sentidos que a ele foram agregados durante sua circulação, alimentando ininterruptamente os processos de produção, reprodução e acumulação do saber. Nesse contexto, a informação não apenas é indissociável de seu suporte físico como de fato não existiria sem ele. De tal forma estão imbricados informação e documento que não é possível fazer referência a uma sem mencionar o outro, como salienta Judith Schleyer:

[...] se a informação não for 'registrada' (em algum lugar, de alguma maneira, em um determinado momento) e passível de ser comunicada, transferida, transmitida ou obtida, então não há informação. [...] (SCHLEYER, 1980, p. 229).

Embora atualmente, transcorridos mais de cinquenta anos desse intenso e dinâmico período, o discurso da Ciência da Informação mostre-se bastante mais afirmativo, o campo informacional ainda impõe reflexões de natureza histórica e conceitual. Os muitos esforços teóricos que foram empreendidos para definir a natureza da disciplina, sua origem e seu arcabouço conceitual (SARACEVIC, 1996) precisam ser melhor e mais amplamente sistematizados de modo a permitir, por iniciativa da própria comunidade de pares, sua disseminação consensual e uniforme ou sua eventual contestação e renovação.

No Brasil, para identificar a conjugação de ideias e parcerias que forjou a Ciência da Informação, definindo sua configuração no país, é fundamental examinar as práticas, os discursos e o movimento dos atores que participaram direta e indiretamente de sua construção. À frente da criação e consolidação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) entre as décadas de 1950 e 1960 (SILVA, 1987; SAMBAQUY, 1988; GUGLIOTTA, 2019), Lydia de Queiroz Sambaquy foi testemunha ocular e participante ativa desse processo. É preciso resgatar os detalhes históricos da extensa rede sociotécnica de atores humanos e não-humanos gestada por Lydia e seus colaboradores no âmbito do IBBB entre 1954 e 1966 para compreender como a organização dessa competente infraestrutura de ensino e pesquisa que incorporava as inovações tecnológicas da época, produzia recursos bibliográficos e prestava serviços para o avanço da ciência nacional contribuiu, com o apoio de bibliotecários, gestores, cientistas e políticos, para a criação em 1970 do Mestrado em Ciência da Informação, cujos 50 anos de funcionamento são comemorados em 2020 (GOMES, 1974; CRISTOVÃO, 1995).

Discípulas de Lydia e empreendedoras, Celia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes, respectivamente presidente e vice-presidente do IBBB naquele ano, buscaram o respaldo da literatura (ZAHER, 1974; GOMES, 1980) e imprimiram sua decisiva contribuição ao campo informacional no Brasil, incorporando a expressão Ciência da Informação às práticas e aos discursos do IBBB (ZAHER, GOMES, 1972), que logo depois se transformaria em IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (ZAHER, 2005). Reconstituir a historicidade da Ciência da Informação no Brasil parece, portanto, indispensável à integral percepção das condições de possibilidade de sua definição enquanto campo do saber.

O texto de Lydia de Queiroz Sambaquy que é republicado nesta edição de *Ciência da Informação em Revista* presta homenagem a essa inesquecível bibliotecária e ao seu inestimável trabalho profissional, recuperando suas motivações e os sentidos que ela conferiu aos personagens, documentos, produtos bibliográficos, equipamentos, técnicas, práticas e ferramentas que constituíram esse grande laboratório de práticas informacionais que foi o IBBB.

REFERÊNCIAS

BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria geral dos sistemas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 155-77, 1974. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/50/50>. Acesso em: 25 abr.2020.

BUSH, Vannevar. As we may think. **Atlantic Monthly**, n. 176, p. 101-8, July 1945.

BRADFORD, S. C. **Documentation**. London: Crosby Lockwood, 1948.

CHRISTOVÃO, Heloisa Tardin. A ciência da informação no contexto da pós-graduação do IBICT. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/607/609>. Acesso em: 25 abr. 2020.

DEUS, Jorge D. de (org.). **A crítica da ciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

FEATHER, John. **The information society**. London: Library Association, 1994.

FOSKETT, D. J. Alguns aspectos sociológicos dos sistemas formais de comunicação do conhecimento. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 3-14, jan./jun. 1973. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71034>. Acesso em: 25 abr. 2020.

FREITAS, Lidia Silva de. Sentidos da história e história dos sentidos da Ciência da Informação: um esboço arqueológico. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, ano 2, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4085/3734>. Acesso em: 25 abr. 2020.

GARCIA, Joana Coeli R. Conferências do Georgia Institute of Technology e a Ciência da Informação: “de volta para o futuro”. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 12, n. 1, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91917>. Acesso em: 25 abr. 2020.

GOMES, Hagar Espanha (org.). **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980.

GOMES, Hagar Espanha. Experiência do IBBD em programas de pós-graduação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 21, p. 13-26, mar. 1974. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/16348>. Acesso em: 25 abr. 2020.

GUGLIOTTA, Alexandre Carlos. Da informação técnico-administrativa à informação científico-tecnológica: a influência do regime de informação estadocêntrico na formação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). Niterói, 2019. 241f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2019.

INTERNATIONAL CONFERENCE ON SCIENTIFIC INFORMATION, 1958. **Proceedings...** Washington: The National Academies Press, 1959. Disponível em: <https://www.nap.edu/catalog/10866/proceedings-of-the-international-conference-on-scientific-information-two-volumes>. Acesso em: 25 abr. 2020.

LASSO DE LA VEGA, Javier. **Manual de documentación: las técnicas para la investigación y redacción de los trabajos científicos y de ingeniería**. Barcelona: Labor, 1969. Capítulo X: La documentación: su definición y caracteres, p. 107-116.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LENOIR, Timothy. **Instituting science**: the cultural production of scientific disciplines. Stanford: Stanford University, 1997.

LIMA, Nisia Trindade. Valores sociais e atividade científica: um retorno à agenda de Robert Merton. In: PORTOCARRERO, Vera (org.). **Filosofia, história e sociologia das ciências 1**: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 151-173.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. São Paulo: Cortez, 1995.

MEADOWS, Jack. Fifty years of UK research in information science. **Journal of Information Science**, v. 34, n. 4, 2008, p. 403-414.

ODDONE, Nanci E. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 1, 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1152/1315>. Acesso em: 25 abr.2020.

RAYWARD, W. B. The history and historiography of information science. **Information Processing & Management**, v. 32, n. 1, p. 3-17, 1996.

REIS, José. Ciência da ciência. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 36, n. 9, p. 1530-42, set. 1984.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. O IBBD e a informação científica no Brasil. **Fórum Educacional**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 31-41, abr./jun. 1988. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/fe/article/view/61002/59219>. Acesso em: 25 abr. 2020.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 42, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2355>. Acesso em: 25 abr. 2020.

SCHLEYER, Judith. O ciclo da comunicação e informação nas ciências sociais. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, set. 1980. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/73685>. Acesso em: 25 abr. 2020.

SEGAL, Jérôme. **Le zéro et le un**: histoire de la notion scientifique d'information. Paris: Syllepse, 2003.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. **A teoria matemática da comunicação**. São Paulo: Difel, 1975.

SHERA, Jesse. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: GOMES, Hagar Espanha (org.). **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 91-105.

SHERA, Jesse H.; EGAN, Margaret E. Exame do estado atual da biblioteconomia e da documentação. In: BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. p. 15- 61.

SILVA, Carlos Henrique Juvencio; RODRIGUES, Georgete Medleg. A documentação no Brasil: primórdios de sua inserção no país (1895-1920). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 9, n. 1, p. 271-284, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2240/1991>. Acesso em: 25 abr. 2020.

SILVA, Luiz Antônio Gonçalves da. **A institucionalização das atividades de informação científica e tecnológica no Brasil**: o caso do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). Brasília, 1987. 226f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, 1987.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade**: o uso humano de seres humanos. São Paulo: Cultrix, 1984.

ZAHER, Célia Ribeiro. Da documentação à informática. In: SEMINÁRIO DA DOCUMENTAÇÃO À INFORMÁTICA, 1971, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974. p. 49-64.

ZAHER, Célia Ribeiro. IBICT: perfil de seus primórdios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 3, p. 1-3, 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1081/1184>. Acesso em: 25 abr. 2020.

ZAHER, Célia Ribeiro; GOMES, Hagar Espanha. Da Bibliografia à Ciência da Informação: um histórico e uma posição. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-7, 1972. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1/1>. Acesso em: 25 abr. 2020.

Nanci Oddone 

Doutora em Ciência da Informação (UFRJ/IBICT)
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
neoddone@unirio.br